

cenário

André Luiz dos Santos Rodrigues¹

Àquela hora vazia do domingo, um azedume torcia-lhe a boca. Percebia que queria estar em outro lugar. Não queria retornar, no dia seguinte, à previsibilidade da vida cotidiana, sem promessa. Desgosto. Era saliva engolida em refluxo. Vômito que chega na garganta e é forçado de volta para dentro. De cima para baixo. Se expelido, causa vergonha, embaraço, horror. Denuncia. Diz a verdade. Àquela hora, pessoas jogadas pela rua. Apenas mancos e desmiolados. Restos da feira. Caídos do tabuleiro. Podres. Aquilo que ninguém quer. No centro da cidade, escorraçados, postos de lado, chutados, de escanteio.

No dia seguinte, o despertador – uma sirene que alertava para o atraso: prazos acabando, novas demandas à vista, migalhas a serem recolhidas, uma ofegância maldita. Um som que arranhava os ouvidos. Triturava os tímpanos. Cumprir apenas para sobreviver. Nos intervalos da espera, encarar a tela do celular: tédio, cansaço, inveja. Queria desligar, mas esperava ser notificado por algo que dissesse que a vida andaria. Nada.

Às quatro da tarde, o tempo escorria lento sobre a pele, uma gosma. Outro dia sem mudança. A mesma quantidade de passos. Se alguém fosse convocá-lo, já o teria feito. Àquele horário, o sol melava com ódio, humilhando ainda mais quem perdeu, curvando seu pescoço para o chão. Vergonha de chegar em casa e comunicar-se com a família, em outra cidade. Nada. Desviando o olhar, qual desculpa daria? Uma explicação para o que não houve, para a falta de retorno. A falta de assunto ao fim do dia. Sobre a mesa, refeição fria. Lavar o rosto não tiraria as olheiras que a espera causava, não o faria recuperar o formato da própria imagem. Em um átimo de olhar, deixou escapar os desejos frustrados da vida inteira. Esfregou os olhos para retomar a compostura. Um deslize, e a vida organizada ruiu.

Mas, ao redor, ela já era ruína. As notícias atestavam. 16 de setembro de 2023: *Esvaziada pela cracolândia, Santa Ifigênia abrigou comércio luxuoso antes de eletrônicos*. 29 de agosto de 2023: *Violência e cracolândia fazem motoristas de ônibus desistirem do centro de São Paulo*. 16 de março de 2023: *Cracolândia faz comerciantes fecharem as portas no centro de São Paulo*. 2 de julho de 2022: *Em busca de dinheiro, motoristas por aplicativo fazem sexo com passageiros em corridas*. A cada mês, tudo formava o declínio da esperança: as manchetes, as conversas, os olhares, os acontecimentos, as relações. Ainda que impotente, contrapunha-se ao cenário uma violenta e confusa vontade de ser feliz. 14 de agosto de 2023: *Látex, chicote e couro: festa de fetiches atrai dominadores e submissos em SP*. 20 de abril de 2023: *Alfaiate de 83 anos resiste no centro degradado de SP*. 7 de abril de 2023: *Skrillex faz apresentação surpresa gratuita no centro de São Paulo*. 25 de janeiro de 2019: *No centro de São Paulo surge uma pequena África*.

Poderia sonhar com a criação de raízes? Com a construção de um lar? Como seria possível? Seu logradouro deslocava-se de acordo com as oscilações do

¹ Possui licenciatura (Português) e bacharelado (Português e Árabe) em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: andre.rodrigues.usp@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4698812880457037>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9810-9630>.

preço do aluguel, com a valorização e a desvalorização das regiões, com a falta ou com o excesso de trabalho, com a distância a que se estava do fluxo. Onde seria o lar daqui a dois meses? Qual rua, número, bairro e apartamento constariam no comprovante de endereço? Os pertences precisavam estar a postos para a partida. Carregar na mala apenas o essencial, para não demorar a fechar o zíper quando fosse o momento de devolver a chave da residência. A cada momento, a cidade o empurrava para um canto. Bafejava janela adentro barulho e poeira. A experiência se encolhia, impedindo o mapeamento da cidade. Diminuindo o perímetro pelo qual circulava. No quarto, ruídos de uma fábrica. Despertar sobressaltado pela orquestra confusa da rua, pelo medo de errar no trabalho e iniciar uma nova procura: a de um outro emprego. *Agradecemos pelo envio do seu currículo. Vamos deixá-lo em nosso banco de talentos para futuras oportunidades.*

Corrido, ocupado: improdutivo, sem dinheiro. Ao sair na rua, não entendia como as pessoas podiam ter amigos, condições de comer em restaurantes, despreocupação de estar expostas ao perigo, com a loucura trafegando sem censura pelas vias públicas. Dos muros, vinham os berros das pichações. Se, no meio desta multidão, alguém o atacasse, não seria responsabilidade de pessoa nenhuma. Seria um panfleto de “Compro ouro” repisado pelos pedestres. Não recolhido. Sem ajuda ou intervenção. Não sei de nada. Não vi quem foi. Acabei de chegar aqui. E, mesmo que não tivesse, o que poderia ter feito? Cada qual lide com seu próprio infortúnio.

Queria amar, mas a realidade oferecia dados conflitantes para análise: temor, ódio, desconfiança, piedade, solidão, ganância. Na tela do celular, enfileiravam-se informações que, no conjunto, não dialogavam: a propaganda de um novo modelo de tênis, homens dançando sem camisa, a harmonização facial de uma cantora pop, os índices de desemprego, o resort em que um conhecido passava as férias, *Que saibamos conduzir nossos dias com sabedoria, gratidão e muita fé em Deus porque com Ele tudo prospera.* A realidade motivava a alegria ou o desespero? A amizade ou o desencontro?

Sem interlocutores, a neurose e o temor transformavam seu vizinho em inimigo. O ódio era antigo. Havia apodrecido. Penetrado na terra. Dado vida apenas a ervas daninhas. Era chorume. Um azedo permanente da saliva. Um odor úmido de arrotos. Uma fibra consolidada nas unidades mínimas do cotidiano. Um ódio que se infiltrava gota a gota. Coriza que não cessava de escorrer. Fungante. O ranço inflamava e doía. Dente cariado até o osso. Um espinho afundando leve na superfície da pele. Sem, contudo, rompê-la e acabar com a tortura. Não havia sangue sendo bombeado do seu coração, envilecido e coberto por teias de aranha. O medo, palavra presente no corpo de todas as notícias e no olhar de todas as pessoas, secretava-lhe um suor concentrado de adrenalina. Precisava de qualquer som que se sobrepusesse ao apito permanente em seus ouvidos.

Era difícil acreditar que a solidariedade poderia florescer nesse cenário, como queria a mensagem do cartão-postal da cidade: *Eu sabia que você existia.* Em meio ao desaparecimento da memória e à força da realidade, aquelas palavras adquiriam o aspecto de farsa, de encenação ridícula para as mídias sociais. Sabe-se da mentira que todos contam, do medo que todos sentem, mas ninguém tem forças de quebrar a quarta parede e dizer a sentença: um está mais fodido que o outro, e o melhor a fazer é sair de cena e ir embora deste lugar.